

## **A LITURGIA DAS LETRAS: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E POLÍTICA DE ARNOLD FERREIRA DA SILVA ATRAVÉS DO JORNAL FOLHA DO NORTE – FEIRA DE SANTANA-BA (1909-1930)**

Juliano Mota Campos\*

**Resumo:** Arnold foi intendente de Feira de Santana (1924-1926), vereador (1928-1930), escreveu crônicas e editoriais; foi rábula, contabilista, orador de filarmônicas, membro de grêmio litero-dramático e de grupos de teatro. Discutiremos qual a relação que as produções intelectuais de Arnold possuíam com o projeto político de poder/progresso do(s) grupo(s) dominante(s) na referida urbe do período de 1909-1930, bem como os reflexos diretos que seu discurso intelectual e suas práticas políticas tiveram no quadro cultural/político da sociedade feirense. Fontes: Jornal Folha do Norte, crônicas e editoriais.

**Palavras-chave:** Trajetória intelectual – Progresso – Feira de Santana

**Abstract:** Arnold was mayor of Feira de Santana (1924-1926) , councilor (1928-1930) chronicled and editorial, was shyster , accountant , philharmonic speaker , member of literary- dramatic guild and theater groups. We discuss what relationship the intellectual productions of Arnold had with the political project of power / group progress (s) dominant in that metropolis of the 1909-1930 period and which directly reflected his intellectual and political practices had speech in the cultural context / Feirense of political society. Sources: Newspaper Folha do Norte, chronicles and editorials.

**Keywords:** Intellectual trajectory – Progress – Feira de Santana

Como disse Mary Del Priore, no início era o verbo e o verbo, a narrativa, e esta, por excelência, a biografia<sup>1</sup>. Esta escrita da vida transformou-se ao longo dos tempos. Superada a rejeição dos anos 1970 e 1980, ela chegou, nos anos 1990, a uma “idade hermenêutica” na qual o objetivo seria capturar “a unidade pelo singular”<sup>2</sup>. Assim, o indivíduo encontrava a história e esta, a partir do olhar singular mas também plural da

---

\*Mestrando em história pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista Capes, sob orientação do Prof. Dr. Aldo José Morais Silva. E mail: julianouefs@hotmail.com

biografia, formava um mosaico de conhecimentos sobre as realizações humanas, refletindo as mais diversas tensões, contradições e correntes de pensamento.

É a partir do indivíduo que teremos acesso ao estabelecimento de questões mais amplas, transitando do particular ao geral, do específico ao problema global, pois o que pretendemos é privilegiar o enfoque social e integrador<sup>3</sup>. Assim, o estudo das trajetórias singulares deve demonstrar o que não volta ao quadro geral, hesitações, incoerências, incertezas, transformações, permitindo ao biógrafo, por sua feita, transitar por distintas temporalidades, ganhando forma o tempo “contextual” (o cenário político, econômico e cultural), o tempo familiar, o tempo interior, o tempo da memória<sup>4</sup>.

Com a evidência dada às trajetórias individuais, a partir dos anos 1990, as crises e tensões vividas pelo sujeito são mais expostas aos holofotes da história. Suas escolhas nem sempre coerentes ou previsíveis, mas muitas vezes compreensíveis, se levadas em consideração suas relações com os problemas conjunturais que o envolvem, fazem este indivíduo dialogar com o presente e com as múltiplas possibilidades que nele se apresentam, seguindo caminhos não raramente ambíguos e inesperados. Isto permite que tomemos suas atitudes em diferentes enfoques, compreendendo-as como estratégias de sobrevivência ou ainda como motivações individuais (profissionais, sociais, econômicas etc.), imbricadas por redes de sociabilidade<sup>5</sup>.

Nas trilhas dos estudos da trajetória, colocaremos as luzes da pesquisa histórica sobre Arnold Ferreira da Silva. Buscaremos acompanhar o “fazer-se” este indivíduo ao longo de parte da sua vida intelectual e política (1909-1930), levando em conta os diferentes espaços sociais por onde ele se movimentou, mas também suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e mesmo o acaso<sup>6</sup>. Neste artigo, o foco é parte de sua caminhada intelectual enquanto redator, colunista e proprietário do jornal *Folha do Norte* em Feira de Santana-Bahia.

Arnold viveu em Feira de Santana, Bahia, entre 1894 e 1965. Antes de seguir a vida político-partidária, iniciou-se na liturgia das letras como secretário do jornal *Folha do Norte*<sup>7</sup>, no momento de sua fundação em 1909. Escreveu as colunas: *Chronicando*, *Effigies*, *Bric-aBrac*, editoriais e a *Chrônica da vida feirense*, que depois viria a chamar-se *Coluna da Vida Feirense*. Adotamos como recorte temporal inicial o ano de 1909, quando saiu a sua primeira produção (*Chronicando*), e o ano de 1930, como o último de atuação política no parlamento local.

A partir do ano de 1924, Arnold iniciou sua carreira política enquanto intendente de Feira de Santana, reelegendo-se até 1926, e assumiu outro mandato no ano de 1959,

mas afastou-se do executivo em 1962 para tratamento médico e não mais retornou. Entre 1928 e 1930, tornou-se Conselheiro Municipal e presidente do Conselho, ocupou também a direção de diversas instituições na cidade como: Montepio dos artistas feirenses, Santa Casa de Misericórdia, Tiro de Guerra, exerceu a função de orador e secretário das filarmônicas Vitória e 25 de março, além de ter atuado enquanto rábula e membro de Grêmio Litero-dramático e de grupos de teatro locais.

Neste trabalho discutiremos qual a relação que as produções intelectuais de Arnold Silva possuíam com o projeto político de poder/progresso do(s) grupo(s) dominante(s) na referida urbe do período de 1909-1930, e quais reflexos diretos o seu discurso intelectual e suas práticas políticas tiveram no quadro cultural/político da sociedade feirense.

#### **- Aristeu Nemésio e Gil Moncôrvo: pseudônimos para o progresso**

Como mercadoria, a crônica veiculada pelo jornal ou pela revista não é feita para durar. Redigida para informar, chama a atenção do leitor para detalhes da cotidianidade ou grandes eventos, a crônica aspira a ser comentada, mas não tem a força de permanência de um romance ou de um conto. Esse gênero “mais ligeiro” tira de sua “leveza de ser” a própria força. Registrando o detalhe e captando os valores de uma época, a leitura da crônica é, para o historiador, uma das formas pelas quais ele pode atingir, por outros meios que não os tradicionais, a representação do passado. E, por irônicos caminhos, dá “permanência” àquilo que seria um produto descartável<sup>8</sup>.

Espectador do processo que narra, o cronista é, ao mesmo tempo, ator deste processo, que se esforça para “dizer” o urbano, recolhendo o que vê e sente e o que intui que os demais veem e sentem. Mas, recorremos ao que foi enunciado antes: sua tarefa de cronista, sem pretensões de perenidade, é extremamente significativa para o olhar de quem, *ex-post*, intenta recuperar sensibilidades passadas<sup>9</sup>. Em geral, as crônicas de jornais e revistas apresentam uma exacerbação da tendência progressista, que se configura como central para a definição do novo padrão identitário da nação.

O caçula dos irmãos Silva, o jovem Arnold, com o pseudônimo de Arísteo Nemésio e, depois, de Gil Moncorvo, começou a escrever crônicas, colunas e editoriais. Com o primeiro codinome, este autor escreveu seis crônicas no ano de 1909 no *Folha do Norte*, denominadas *Chronicando*. Nelas, o jornalista tratou de temas diversos como: a pena de morte e a condição de atraso da indústria nacional. Nas suas primeiras edições,

esse jornalista filia-se à corrente que apoia as candidaturas de Hermes da Fonseca, para a Presidência, e de Wenceslau Braz, para a vice-presidência da República, lançando-se no combate ao situacionismo local.

Com um discurso de “denúncia” da má utilização dos recursos públicos em virtude da aquisição de assinaturas do jornal (da mesma linha ideológica da situação) para os correligionários do governo Municipal, Arnold ironiza a negligência do poder público através do atraso que configura o cenário feirense:

Ninguém mais quer saber que os cofres municipais geram com algumas dezenas, senão centenas de mil reis, pagando assinaturas do “Jornal da Manhã” para os adeptos da situação.  
Muita gente, entretanto, estranhou o caso. Mas ... eu, não.  
Julgo até que é um benefício que a municipalidade despensa aos feirenses.  
Senão vejamos: Nós todos pagamos aos srs. Governantes uma boa porção de dinheiro. Compensando, eles nos dão uma paupérrima iluminação e um asseio, o porco que se pôde imaginar. Há de, portanto, sobrar dinheiro e razão para mui honestamente aos nossos governantes pagarem uma porção das aludidas assinaturas e distribuírem aos munícipes. Quanto ao facto de não serem todos contemplados, justifica-se velho adágio: “Matheus, primeiro aos teus”<sup>10</sup>.

No ano de 1912, as quatro crônicas nominadas de *Effigies* apresentavam-se enquanto indicativo de interesse do autor pela política. Talvez uma espécie de justificação para a carreira que ele começava a anunciar na política, haja vista que a crônica é de 1912 e ele vai estar na intendência só em 1924. Com uma linguagem metafórica e satírica, Arnold apresenta à sociedade seu autorretrato:

É de ver a loquacidade com que, no balcão, prova a superioridade do artigo, o desejo de bem servir ao freguês lucrando quase nada. Fala, discute, compara, convence. Às vezes, entretanto, desvia o olhar das vitrinas, das fazendas, das fitas e vara a alta região política.  
Vê, então, tanta lepra a corroer caracteres, tanta miséria e tanta desonra que se revolta e que se exalta ...: “se eu fora um soldado com o exército revolucionaria isto!  
Uma revolução fragorosa ele teria, entretanto se pudesse. E, à ação terrífica do seu poder, o mundo todo, um dia, despertaria surpreso, atônito ante aguerridas hostes conduzindo berrantes estandartes de guerra, e runfos tonitroantes de tambores, e violento clangorar de clarins, tudo gritando a “superioridade dos seus artigos de negócio” o seu “desejo de bem servir ao freguês”. Sim. Porque esta *Effigie* é, antes de tudo, dum negociante inteligente, que compreende a propaganda como alma do negócio<sup>11</sup>.

A partir de uma primeira leitura desatenta, poderia a crônica *Effigies* estar tratando de um aspirante a revolucionário político, defensor de mudanças estruturais significativas na sociedade; no entanto, ele aparentemente não queria revolução alguma, principalmente por estar com o olhar sob “as vitrinas e fazendas”. Na análise desta fonte, podemos inferir

que os termos “soldado” e “exército” querem dizer cargo político e a máquina pública, respectivamente; logo, a demonstração de bem servir ao freguês, no caso o cidadão, é um interesse pessoal do autor desta crônica em entrar para a política.

Ainda utilizando a ironia como recurso de linguagem, Arnold continua a criticar o cenário político e a preparar o próprio terreno politicamente, sendo que, para isso, utiliza-se agora de outra coluna a *Bric-á-Brac*. Publicada apenas em algumas edições durante o ano de 1914, a política local, nacional e internacional, além de acontecimentos no campo da cultura e religião, são, dentre outros, temas desta coluna:

Retribuindo, pela imprensa, votos de boas-festas aos seus amigos e conterrâneos o exmo. Sr. Dr. Governador do Estado<sup>12</sup> julgou conveniente declarar que, no balanço de seus haveres particulares, acaba de verificar, após dois anos de governo, um saldo de oitenta e tantos mil reis. Depois disto já se não pode contestar a influência preponderante da cinematografia na sociedade atual<sup>13</sup>.

Segundo o memorialista Carlos Mello, em entrevista concedida à Rádio Sociedade de Feira, Arnold herdou do ex-intendente, Tito Ruy Bacelar, a sua biblioteca com livros de diversas áreas do conhecimento, inclusive clássicos da literatura nacional e estrangeira. O caçula dos Silva tinha o perfil padrão do intelectual desse período. Fazia citações em língua estrangeira (inclusive latim), era conhecedor da literatura francesa e comumente fazia referência a intelectuais franceses em artigos jornalísticos, como foi o caso deste pensamento utilizado ao final da coluna citada anteriormente: “O trabalho intelectual é o melhor remédio contra os desgostos da vida; não há magoa que não se acalme com uma hora de leitura, Montesquieu<sup>14</sup>”.

Paralelo às diversas atividades que realizou – como orador, secretário, provedor, presidente, tesoureiro de diversas instituições culturais e filantrópicas da cidade –, ele, utilizando-se de tal prestígio, atentava para problemas das mais diversas naturezas, desde questões sanitárias:

A Feira vai ter um serviço de higiene municipal. Vai ter. É uma questão de tempo. A peste branca, por si só, na dilatação assustadora que enche as estatísticas, acabará ditando aos homens do governo essa medida irrevogável. A Feira vai ter um serviço de higiene municipal. E então não haverá mais armazéns de fumo encravados no coração da zona urbana<sup>15</sup>.

Passando pelas questões da mobilidade e da sociabilidade, como a construção da nova avenida Sr. dos Passos: “... que espíritos progressistas como devem ser, não criarão óbices a tão louvável e grandioso tentame, que proporcionará novo e verdadeiro encanto

a nossa urbe<sup>16</sup>”. Até o cumprimento do código de posturas e da fiscalização municipal, sempre em comunhão com o progresso, selada por uma liturgia de apoio ao poder público municipal, fazendo apologia as suas realizações:

Cerimônia da posse do intendente, franqueada a palavra, o nosso colega Arnold Silva pronunciou um discurso analisando factos, formulando votos e aspirações da cidade e dos distritos no continuado desejo de progredir, sem esquecer-se de salientar o mérito e valor dos serviços prestados à comuna pela administração cujo mandato se findara<sup>17</sup>.

E defendendo o gestor, dos ataques disseminados pela oposição através dos jornais, enaltecendo virtudes pessoais necessárias à condução do progresso, conforme segue no trecho do editorial *Pé de guerra*:

O coronel Bernardino Bahia é ali uma das tradições de homem público o mais digno desdobramento de sua conduta modelar como cavalheiro distinto, chefe da família acatadíssimo e cidadão amantíssimo da terra onde reside e a que tem prestado serviços os mais relevantes. Esta é a que é a verdade<sup>18</sup>.

Arnold construiu, a partir de múltiplas temáticas, sua relação com a comunidade feirense e tratava de diferentes assuntos, ainda que todos eles se articulassem em torno ou com fins políticos. A forma de comunicação a que estamos nos atendo inicialmente é escrita, haja vista que ela era emanada de um lugar de dominação política completa, com uma potencialidade de reter o passado, o arquivamento e a criação do real.

O pseudônimo Gil Moncôrvo também foi utilizado para registrar, em forma de diário, a liturgia do cotidiano da vida feirense, a partir de uma cronologia diária, conforme o dia de publicação do jornal, ano após ano. Esta publicação chamou-se *Coluna da vida feirense* e existiu de 1923 a 1952, lembrando também que, a princípio, a coluna se chamava *Crônica feirense*. Nessa seção do jornal, ele organizou registros sobre a história da cidade, anotando eventos e datas que marcaram a trajetória histórica feirense. Apresentou dados aos quais teve acesso principalmente em arquivos de Feira de Santana e de Salvador. Sobre esta coluna, Morais afirma que:

Arnold Silva foi, no jornal, além de fundador, diretor durante muitos anos (1923-1952), jornalista e escritor de crônicas e contos. Durante esse período, escreveu cerca de 250 crônicas-relatos, publicadas semanalmente. Ele dedicou uma boa parte de sua vida (três décadas) à pesquisa sobre o município e a cidade de Feira de Santana, visitando, cotidianamente, os arquivos públicos e particulares, as bibliotecas municipal e nacional, os grêmios literários, as filarmônicas, cartórios, batistérios e demais órgãos públicos de Feira de Santana e de outras capitais<sup>19</sup>.

O nosso interesse é atentar apenas para os dois primeiros anos em que ela foi reproduzida com o nome de *Crônica Feirense: 1923-1924*; já que, tendo sido publicada novamente apenas a partir de 1931, foge então do período proposto para a discussão. Percebemos, na Crônica, uma preocupação em legitimar uma Feira enquanto importante centro, não apenas econômico, mas sobretudo cultural e intelectual.

O primeiro passo, para consolidar o discurso iniciado em 1909, era ir na mesma toada vivida pelos grandes centros, que buscavam no alvorecer da República, enaltecer seus heróis, reescrever suas histórias, publicizar seus mitos e lendas urbanas. Arnold, a partir de um contato com fontes oficiais – como processos crimes, cíveis, Atas, etc. –, trata de detalhes da prisão e do julgamento do escravo Lucas da Feira, no que tange à repercussão que as suas práticas tinham na cidade e o início da sua mitificação na sociedade local. Sobre Maria Quitéria de Jesus, Arnold desfez dúvidas quanto à vida da heroína, enfatizando o ponto de origem dela e a nacionalidade do pai dela como brasileiro, baiano e feirense.

O envolvimento em querelas políticas, como a defesa da candidatura de Ruy Barbosa, as passeatas e as conferências a seu favor ocorridas na cidade, a anulação das eleições municipais de 1908, o acordo político entre governistas e oposicionistas para as eleições municipais (1911) e a nomeação do coronel Bernardino Bahia pelo governo do Estado para intendência municipal foram formas de marcar terreno não apenas no plano político, mas também de tentar registrar, junto à população, o apoio a determinado segmento político, e os políticos enquanto operários da urbanização e arquitetos da civilidade.

As ações destes operários e arquitetos auxiliam na legitimação do discurso de desenvolvimento da cidade e da condição de benfeitores atribuída a esses “trabalhadores”. São apresentadas por Arnold, na liturgia do cotidiano, no decorrer da Primeira República, inúmeras notas sobre obras no município, como o início dos trabalhos da estrada de rodagem, a inauguração da avenida Araújo Pinho, a apresentação de projeto da praça Froes da Motta no conselho municipal, o projeto de lei estadual que manda construir ponte sobre o rio Jacuípe, a inauguração das últimas obras do governo de Agostinho Fróes (1919), a inauguração da estrada de rodagem ligando Feira de Santana à cidade de Camisão, a conclusão das obras do matadouro público municipal em 1890, a inauguração da iluminação elétrica da Praça da matriz, a inauguração do tráfego de automóveis para o distrito de Santa Bárbara e para o Bonfim. Vale destacar que a grande maioria das obras,

em favor de uma cidade com ares de capital do interior, foram realizadas por Agostinho Fróes e Bernardino Bahia, aliados políticos de Arnold.

A dinâmica de uma cidade moderna e em processo de superação do rural para o urbano é apresentada como intensa. Por isso, todos os elementos que compõem a transição de um patamar a outro são enaltecidos por Gil Moncôrvo, na *Crônica Feirense*. Além dos vultos históricos, das origens da cidade, das figuras políticas e suas respectivas obras, que marcaram um conjunto de mudanças sociais, o contexto cultural também merece destaque. Não é possível ser civilizado, moderno e estar na trilha do progresso, se não consumir o que é produzido pelos grandes centros econômicos, culturais e sociais, não apenas do Brasil, mas também do mundo.

Um dos indicativos de consumo do produto da modernização mais citada na *Crônica* é o surgimento e desaparecimento de semanários locais, normalmente com curta duração e tiragem, parca estrutura física e financeira para sobreviver por mais tempo. Podemos citar como exemplos: *A flor*, *O Município*, *O Progresso*, *O Feirense*, *Do povo*, *Gazeta do povo*, *O Motor*, *O Propugnador*, *Propulsor*, *O correio da Feira*, *A Evolução* e *A República*. Vale destacar que a efemeridade destes jornais, deu-se em virtude de uma população ainda predominantemente rural e analfabeta, limitando-se o consumo aos sujeitos dos grupos sociais mais abastados economicamente e com forte influência política. A presença de intelectuais na cidade, como a de um escritor belga, de um jornalista opositor, de um redator chefe do Diário da Bahia e de intelectuais locais, como Gastão Guimaraes e Edith Mendes, expõe essa cidade como um *locus* de produção e de disseminação do conhecimento, palavra esta sinônima de progresso.

Os lugares e as instituições citadas no decorrer da *Crônica* reafirmam esse discurso de uma cidade que não exclui o seu passado agrícola, mas que avança em perfeita sintonia com o presente de novidades e o futuro de prosperidade. Essa dialética passado rural e presente/futuro urbano pode ser exemplificada pelas notícias dadas sobre as condições climáticas de março de 1922, em que se reportavam as repetidas chuvas após prolongada estiagem, a variação do valor da farinha de mandioca e a reabertura do Hipódromo Jockey Club Feirense, lugar de sociabilidade dos mais abastados, que disciplina, a partir dos lugares sociais que os indivíduos ocupam, suas vestes, seu comportamento, sua linguagem<sup>20</sup>.

Os espaços de entretenimento, como as sedes das filarmônicas, os grêmios dramáticos e o Cine Teatro Santana (palco de importantes conferências e concertos musicais na cidade) estavam dispostos a atender a uma dupla função no cenário do

progresso urbano de Feira de Santana. O primeiro objetivo pelo qual a maioria dos eventos eram organizados se relacionava com o fato destes funcionarem como uma rede de solidariedade que “alimentava” instituições vitrines (Santa Casa de Misericórdia, Montepio dos Artistas Feirenses, etc.) para a atuação dos grupos políticos dominantes e, depois, como espaços de doutrinação dos espíritos para os bons modos da sociedade civilizada e em franco progresso. Por isso, ter em evidência, na Crônica, espaços como esses consolidava, no imaginário popular, a presença “sadia” daquilo que é útil ao bom convívio, logo civilizado e moderno.

Em uma crônica, além dos sujeitos, das instituições e dos lugares, o cotidiano é fundamental para a compreensão da sua estrutura e dos objetivos que ela almeja alcançar. É no cotidiano que a maioria da população se vê inserida nesse processo de transformação da urbe. É no dia a dia que a violência e a paz dividem espaço (inclusive no jornal), que as instituições e os órgãos trocam de comando, que as medidas disciplinadoras e saneadoras são aplicadas ao espaço público, como a construção do Mercado Municipal no Governo de Bernardino Bahia ou como as medidas governamentais contra a varíola e a peste bubônica são tomadas: “tendo aparecido neste município casos suspeitos de peste bubônica, o intendente pediu providências à higiene estadual”<sup>21</sup>.

Com o uso de uma linguagem rebuscada, aponta-nos o público que o periódico pretendia atingir em uma cidade com altos índices de analfabetismo, o que era a realidade em boa parte do Brasil dessa época. Esses elementos acerca da origem do jornal são pertinentes para historicizar a fonte e para o procedimento de sua análise. Tratava-se de um veículo formador de opinião, do qual um dos donos é um político influente em Feira de Santana e foi uma das principais produções jornalísticas da época.

Arnold, apesar de não estar vinculado a nenhuma universidade, instituto histórico e geográfico ou academia de letras, espaços formais da intelectualidade, participava da organização da cultura da elite, atuando principalmente como orador e articulista de jornal, atividades que lhe propiciaram a evidência necessária para aproximar-se cada vez mais do poder político municipal. Foi com textos de cunho político, que criticou, em um primeiro momento (1909), através do jornal, o grupo que estava no poder; e, no segundo momento (1915), saindo em defesa do grupo político dos Motta e Bahia e de suas práticas modernizadoras, que Arnold ganhou maior visibilidade e prestígio na urbe.

Ao utilizar o periódico jornal *Folha do Norte*, o único a ter exemplares seriados desde 1909, período de sua fundação, e, por pertencer ao grupo familiar/político do nosso objeto de estudo, tivemos um *locus*, por excelência, dos registros intelectuais

(principalmente as crônicas e os editoriais) sobre os quais nos debruçamos. Estas são importantes para a pesquisa porque apresentam a sua percepção sobre as mudanças sociais ocorridas no espaço em questão; bem como, inicialmente, têm evidenciado interesses, negociações, relações de força, motivações pessoais ou coletivas na construção dos diversos segmentos da política, da cultura, da arte e da filantropia da cidade de Feira de Santana.

Aparentemente, ao nos depararmos com a figura de Arnold Silva, é passada uma primeira impressão de que, em se tratando de um coronel do sertão/agreste nordestino e tendo o ápice de sua força política na república velha, seria alguém rude, patriarcal, violento ou “coisa que o valha”. Mas, no diálogo com as fontes, percebemos que sua identidade não é fixada nesse modelo estanque e engessado de líder político. E ainda notamos que o trato com as letras não é um detalhe mínimo nas relações de poder, haja vista que suas “reivindicações e críticas” influenciaram na construção de uma imagem urbana de lugar do progresso e de uma modernização mais próxima possível.

#### NOTAS DE REFERÊNCIA

<sup>1</sup>DEL PRIORY, Mari. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009, p.07

<sup>2</sup>Idem, p.09

<sup>3</sup>AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da escrita biográfica. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan-jun. 2011, p. 140.

<sup>4</sup>MARKENDORF, Marcio. A decadência da ilusão ou a morte da biografia. *Revista Rascunhos Culturais*, Campo Grande, v. 1, n. 1, jan-jun. 2010, p. 148.

<sup>5</sup>PEREIRA, Aline Pinto; SILVA, Ana Paula Barcelos da. Passagens. *Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, mai-ago. 2013, p293.

<sup>6</sup>SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. *Revista MÉTIS: história & cultura, Cidade*, v. 2, n. 3, jan-jun. 2003, p. 67.

<sup>7</sup> Este jornal tinha como proprietário Tito Ruy Bacellar, ex-intendente de Feira de Santana. Conforme o memorialista Gastão Sampaio afirma em sua obra: Feira de Santana e o Vale do Jacuípe, o político citado seria padrinho de Arnold Silva.

<sup>8</sup>PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade - Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 181.

<sup>9</sup>Idem, p.183.

<sup>10</sup>NEMÉSIO, Arísteo. Folha do Norte, Feira de Santana, Nº 03, ano I, 01 de out. 1909, p.01

<sup>11</sup>MONCORVO, Gil. Folha do Norte, Feira de Santana, Nº 133, ano IV, 24 de ago. 1912, p. 02

<sup>12</sup>O Governador citado é José Joaquim Seabra

<sup>13</sup>FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, Nº 204, ano VI, 10 de jan. 1914.

<sup>14</sup>MONCORVO, Gil. Folha do Norte, Feira de Santana, Nº 206, ano VI, 24 de jan. 1914, p.01.

<sup>15</sup>FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, Nº 422, ano X, 04 de mai. 1918a.

<sup>16</sup>FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, Nº 549, ano XII, 16 de out. 1920a.

<sup>17</sup>FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, Nº 510, ano XII, 17 de jan. 1920b.

<sup>18</sup>SILVA, Arnold Ferreira da. Folha do Norte, Feira de Santana, Nº 671, ano XV, 24 de fev. 1923a.

<sup>19</sup>MORAIS, Ana Angélica Vergner de. *Sant'Anna dos Olhos D'Água: resgate da Memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998, p.34.

<sup>20</sup>MONCORVO, Gil. Folha do Norte, Feira de Santana, Nº 722, ano XVI, 07 de mar. 1924, p. 01.

<sup>21</sup>MONCORVO, Gil. Folha do Norte, Feira de Santana, Nº 723, ano XVI, 14 de mar. 1924, p. 01

Recebido em: 19/02/2016

Aprovado em: 07/07/2016